



**ALFABETIZAÇÃO LÚDICA**

Alessandra Aparecida Pavin Pinheiro<sup>1</sup>

Francicleia Almeida da Silva<sup>2</sup>

Valdivan Leonardo dos Santos<sup>3</sup>

**RESUMO**

Em meio a muitas dificuldades encontradas nas escolas, a não alfabetização de alunos com idades avançadas ainda é bastante preocupante, pois a leitura e o letramento devem ser considerados os mais importantes dentre todas as atividades desenvolvidas em uma escola, uma vez que a leitura é à base da aprendizagem, da alfabetização e é através dela que o aluno poderá desenvolver outras habilidades educacionais. Dessa forma, a presente pesquisa busca promover uma reflexão sobre a importância do professor de alfabetização por meio da ludicidade no contexto dos anos iniciais. Assim, contou com uma abordagem bibliográfica para obtenção das informações através de livros, trabalhos acadêmicos e demais fontes de pesquisa. Ao final, espera-se como a alfabetização pode ser estimulada por meio de um ambiente favorável a aprendizagem e a alfabetização, pautado na atual conjuntura esta pesquisa pode ser útil para futuros professores que desejam atuar na área da educação, uma vez que a não alfabetização ainda está presente como uma realidade das escolas brasileiras, bem distante de ser resolvido, assim o presente projeto busca auxiliar estes profissionais com o intuito de diminuir ou até mesmo extinguir este problema nas escolas.

**PALAVRAS- CHAVE:** Alfabetização. Ludicidade. Anos iniciais.

**ABSTRACT**

In the midst and many important ones within schools, the non-literacy of educated students is still quite worrying, as reading and literacy should be considered as the most important as all activities developed in a school, since reading is at basis of learning, literacy and it is through it that the student will be able to develop other pedagogical skills. Thus, the present research seeks to promote a reflection on the importance of the literacy profession through playfulness in the context of the early years. Thus, there will be a bibliographic approach, for comparison of information through works with studies and other researches. In the end, literacy is expected as a research that can be stimulating for current education as a means of a favorable environment for education, based on literacy still useful for future teachers who can work in the area of literacy, since it can being an area of literacy is present as a reality in Brazilian schools, far from being resolved, so the present project seeks professional assistants in order to reduce or even extinguish this problem in schools.

**KEYWORDS:** Literacy. playfulness. Initial masters.

**1 INTRODUÇÃO**

Tema escolhido Brincadeiras e Jogos dentro do contexto dos anos iniciais do ensino fundamental dentro do padrão das normas da BNCC, assim sucedendo o tema proposto em forma de projeto de ensino a fim de introduzir o conteúdo abordado pelo Curso escolhido. As culturas humanas sempre tiveram atividades lúdicas, tais como brincadeiras e jogos com vestígios de objetos lúdicos antigos remontam aos tempos pré-históricos.

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia, <sup>2</sup> Assistente Social, e Doutora em Serviço Social <sup>3</sup> Assistente Soci...  
Pós Doc.



Ao longo da história, os indivíduos têm jogado, sejam crianças ou adultos. A transmissão dos jogos foi feita de forma oral e bastante informal, assim, diferentes estudiosos tentaram de alguma forma reconstruir regras de jogos antigos. Mas, mesmo não se conhecendo necessariamente as regras desses jogos passados, sabe-se que eles foram praticados em todas as culturas e em todas as classes sociais. Os jogos têm muitas associações com diversos aspectos da formação humana (físico, motor, social, cognitivo, afetivo), mas, na prática da sala de aula sua eficácia ainda é questionada em seus valores e em sua legitimidade sendo considerado um jogo recreativo, um acessório e até mesmo inútil e improdutivo. Por outro lado, muitos profissionais de educação consideram que jogar é uma ótima ferramenta para o ensino moderno e inovador.

Para falar sobre a relação da ludicidade, é necessário entender o tempo e as relações que esses dois universos tiveram ao longo da história. Muitos jogos de regras utilizam elementos há muito tempo. Primeiro, os números: número de ossos, número de pontos em um dado etc. Mas, além dos números, os jogos estabelecem uma lógica para que cada jogador garanta a vitória tanto quanto possível. Esta é a arte do raciocínio aplicada ao jogo, geralmente chamado de estratégia, que vai auxiliar a criança a desenvolver o raciocínio.

Infelizmente muitas instituições escolares dos anos iniciais do ensino fundamental permanecem com uma gama de atividades repetitivas, descontextualizadas, tendo como finalidade um desenvolvimento da coordenação motora através do treinamento manual e conceitos decorados. Percebe-se, no entanto, que esse não é o melhor método no favorecimento da construção do entendimento, muito menos o melhor caminho para proporcionar o conhecimento das capacidades intelectuais envolvidas no seu desenvolvimento. A utilização de jogos e brincadeiras pelas escolas é de grande importância para o desenvolvimento da criança e do gosto para a aprendizagem.

Este trabalho de pesquisa tem como tema a importância alfabetização lúdica dentro dos anos iniciais do ensino fundamental, sabendo que ela é fundamental em nossas vidas, estando presente em todos os momentos e em tudo. Sua finalidade é mostrar a importância que o seu ensino de forma lúdica tem, podendo assim contribuir de maneira prazerosa e significativa na aprendizagem das disciplinas, além de auxiliar as crianças em seu



## **REVISTA METODISTA FACO**

desenvolvimento como um todo, pois a ludicidade torna este processo facilitador do conhecimento. A ludicidade é uma ação que articula os aspectos afetivos, cognitivos e sociais, tornando a brincadeira fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois, ao brincar, a criança, além de se desenvolver em todos os aspectos, ela enriquece suas condutas físicas, intelectuais e morais. A alfabetização lúdica durante os anos iniciais do ensino fundamental, durante esse processo, desperta e potencializa nas crianças a criatividade, o senso crítico, a capacidade de compreensão, a curiosidade, ensina a resolver conflitos e situações desafiadoras ao interagir e se comunicar.

A forma lúdica de ensino mediante esta aprendizagem faz com que as crianças sintam o prazer em aprender, pois a brincadeira e os jogos são algo familiar, que está presente no cotidiano delas, por isso se torna significativo e de extrema importância para elas, pois desperta a magia e a curiosidade do querer saber e então aprender.

É nesta perspectiva que se defende a utilização da alfabetização lúdica por ser atividades de cunho mental, físico e lúdico que propiciam a sociabilidade, a criatividade, bem como a formulação de conceitos e idéias sobre a realidade que cerca cada criança. Assim, questiona-se: De que forma o uso alfabetização lúdica pode dinamizar a aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental? Como hipóteses, defende-se que o uso da alfabetização lúdica pode dinamizar a aprendizagem e estimular a permanência dos discentes na escola durante o período de escolarização.

A pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre metodologias de ensino baseadas no uso da alfabetização lúdica. como específicos

- descrever sobre a importância de metodologias de ensino utilizadas na alfabetização lúdica;
- Verificar mediante outras pesquisas relativas à contribuição de práticas lúdicas para uma aprendizagem significativa na alfabetização;
- Analisar o tratamento metodológico na formação de professores e o uso de jogos;

Essa coleta de dados será por meio de obras e pesquisas que versam sobre o tema principal da pesquisa. Inicialmente será feito um levantamento bibliográfico acerca do tema proposto, buscando autores que versam sobre o enfoque no uso alfabetização lúdica.



Em seguida, se fará a classificação das obras e procedimentos de leitura e reflexão para produção dos capítulos do trabalho de pesquisa, onde buscaremos conhecer a potencialidade uso alfabetização lúdica e sua relação com o ambiente, metodologia e formação dos professores.

## **2. CAPÍTULO I – UM OLHAR TÉORICO SOBRE A LUDICIDADE A HISTÓRIA DA LUDICIDADE**

Nas salas de aula dos anos iniciais do ensino fundamental, o uso de recursos lúdicos que deixam de lado a tendência natural das crianças para brincar é generalizado, principalmente quando se trata de abordar aspectos relacionados à ludicidade. Entretanto, o ensino-aprendizagem no contexto da sala de aula pode ser tratado de maneira mais lúdica. A ludicidade, a brincadeira e os jogos são tão importantes para o desenvolvimento infantil que constam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) implementada em 2017. Na BNCC (2017) estão listados os seis direitos de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e o brincar é o segundo: 1. conviver; 2. brincar; 3. participar; 4. explorar; 5. expressar e 6. conhecer-se.

Vygotsky (2015) é um dos precursores da perspectiva sociocultural sobre a aprendizagem das crianças. A principal mensagem da sua teoria é que o aprendizado das crianças se desenvolve através da interação com outras pessoas e interagir é uma parte central do jogo infantil. Assim, é possível perceber uma conexão clara entre a perspectiva sociocultural da aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

As escolas trabalham a ideia da interação social e da comunicação para criar uma boa atmosfera na sala de aula. A perspectiva sociocultural enfatiza que o pensamento humano e a oportunidade de aprender são influenciados e influenciam o ambiente e o contexto em que ela se encontra, no caso, a escola. Quando as crianças interagem com crianças e adultos, elas expandem seu pensamento sobre como podem se comunicar com outras pessoas e como realizar atividades (SANT'ANNA; NASCIMENTO, 2011).

No trabalho educacional, com a ajuda do contexto social na sala de aula, pode-se focar em cada um dos pontos fortes das crianças, e trabalhar nos pontos fracos, para trocar experiências entre elas. O elemento básico da interação social é encontrar ferramentas, ou seja, estratégias que facilitem o jogo e o processo de aprendizagem. A comunicação e a interação são uma parte central do aprendizado e, portanto, podem as crianças, sem os exercícios



de força com treinamento assistido, não tem a capacidade de locomoção e disponibilidade de brincar e com a saúde mais eficaz na sua infância. Com o passar do tempo podem adquirir doenças genéticas como pressão alta, sentem alguns problemas hereditários como obesidade infantil, mostrando assim que as crianças necessitam de exercícios físicos com treinamento analisados pelos profissionais habilitados, dando assim a direção e quais os exercícios apropriados ser vistas como um elo entre brincar e aprender.

Nem sempre foi dada importância à ludicidade no contexto escolar. Somente nas últimas três décadas o jogo se tornou importante nos anos iniciais do ensino fundamental. Na psicologia, nomes como Vygotsky (2015) foram de grande importância nesse sentido. A alegria pode ser característica mais importante do jogo, de acordo com sua teoria. Negar isso seria recair no didatismo de intelectualizar os jogos e brincadeiras. É razoável supor que a brincadeira dê à criança alguma forma de realização para diferentes tipos de necessidades, porque está associada à alegria (ALMEIDA, 2015).

E, conforme as necessidades mudam, também muda a natureza do jogo durante a infância. Vygotsky (2015) acreditava ainda que o jogo é uma espécie de substituto para outra necessidade de satisfação. O jogo é caracterizado por suas regras, não há jogo sem ordem e a criança, consciente ou implicitamente, adere a certas estruturas para a atividade ou papéis a serem jogados.

O jogo é regulamentado, não é uma atividade livre. Nele, a criança começa a agir de forma independente, a se libertar dos impulsos do momento e a assumir o controle do seu próprio mundo interior através de papéis e regras que ela cria. Vygotsky (2015) enfatizava que é importante que a criança perceba a diferença entre jogo e realidade.

No jogo, a atividade tem sua origem em uma performance interna. Na realidade é o relacionamento inverso que é proeminente. A intenção de Vygotsky (2015) era utilizar o potencial da criança com a ajuda do seu entorno cultural. Ele não pensava que era necessário aguardar a criança amadurecer, como Piaget (CINTRA; PROENÇA; JESUINO, 2018).

Mas seria errado colocar Vygotsky entre os chamados educadores intermediários orientados ao conhecimento. Sua teoria foi a da interação e da comunicação. A diferença entre os educadores de atividades e em Vygotsky é que Vygotsky aponta a importância da atividade social, apoio educacional e influência cultural para os alunos. Os anos iniciais do ensino fundamental é um



estágio fundamental para estimular o desenvolvimento lúdico. Ao chegar à escola a criança leva com ela as habilidades linguísticas informais que devem ser transformadas em conhecimentos e habilidades formais a fim de facilitar a compreensão do mundo. O desenvolvimento e a aplicação da oficina contribuíram para construção de reflexões sobre a necessidade de se estimular os conceitos psicomotores na infância e a preocupação com práticas educativas que possibilitem a aprendizagem e evolução de todas as crianças e, principalmente, considerando seus conhecimentos. Cabe ressaltar que a aula dos anos iniciais do ensino fundamental vem consolidar este processo único da inclusão social.

O sucesso do processo ensino-aprendizagem decorre, em grande medida, da maneira como o professor organiza as atividades, seguindo o ritmo do grupo e de cada criança, pois elas, não aprendem linearmente, primeiro correspondem, depois comparam, em seguida classificam e assim por diante.

Conclui-se que, o objetivo para ensinar o número de forma lúdica é o da construção que a criança faz da estrutura mental de número. Uma criança que pensa ativamente, à sua maneira, planejando situações desafiadoras, inevitavelmente constrói o número. A função do professor é de encorajar o pensamento espontâneo da criança, o que não é muito fácil, já que a maioria dos professores foram treinados para obter das crianças as respostas certas.

### **O QUE É O BRINCAR NA ESCOLA?**

Segundo Dhome (2003), o brincar é tão importante para o desenvolvimento da criança, que merece atenção dos educadores, tendo em vista que as atividades infantis devem estimular interesse, a criatividade, interesse, capacidade de observação, experimentar e outros.

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de autodescoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeição daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de camaradagem. Quando a criança joga, ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros (DHOME, 2003, p. 124-125).



As descobertas na pré-escola acontecem a partir do momento em que a criança descobre seu universo, brinca e socializa durante as atividades do brincar. Embora as professoras percebam que os anos iniciais sejam a fase inicial, restringem essa fase da vida a aprender a ler, a ter noção de estudo, a gostar de estudar, ou seja, escolarizam demasiadamente essa etapa, enfatizando a alfabetização como prioridade. O parecer de que o brincar deve fazer parte das atividades realizadas na anos iniciais, é mostrar para o aluno que ele aprender e se desenvolve cognitivamente através do saber brincar, pois neste período a criança está vivenciando o intenso desenvolvimento com o brincar e assim vivenciando suas práticas educativas de modo brincar.

O brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio desenvolvimento (SANTOS 1992, p.12).

Nesta perspectiva, verifica-se o quanto é importante que a criança brinque, pois é uma atividade que possui objetivos, não acontece por acaso, como foi citado acima, ela promove o desenvolvimento da criança, tanto uma brincadeira livre de pular, correr, rolar, quanto à brincadeira com brinquedos.

Na análise de Bomtempo et al (2006), o jogo não é uma atividade livre na qual qualquer coisa pode acontecer e a criança está totalmente fora da realidade; o jogo é uma atividade que possui uma finalidade e um resultado a ser atingido e completa elencando as contribuições da atividade lúdica para o desenvolvimento infantil. Sendo assim, a ludicidade segundo Dallabona e Mendes (2017, p. 02), expressa que:

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociedade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para programação psíquica, mora, intelectual e motriz da criança

Aprender a sustentar a cabeça, a sentar, a engatinhar, fica em pé, começa a estender a mão em direção aos objetos entre outros gestos. Essas são premissas para que a brincadeira aconteça, em um primeiro momento a



criança manipula os objetos, ela pega, observa, morde, cheira, aperta, joga de um lado para o outro, para que, em um segundo momento, ela possa se apropriar desses objetos na brincadeira. De acordo com Kishimoto (2008), que discute o papel do brincar e da brincadeira nas práticas educativas, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e sua indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. E a mesma continua:

O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que invocam aspectos da realidade. Um exemplo é a manipulação de uma boneca, em que a criança brinca de mamãe e filhinha, ou seja, a criança passa a representar na brincadeira o que ela vê na realidade, ela faz com a boneca o que vê a mãe fazer com ela (KISHIMOTO, 1997, p. 23).

O brinquedo tem um papel fundamental no imaginário da criança, seja como um objeto destinado a diversão dela, um brinquedo educativo ou um jogo educativo, estimular o pensar da criança e criar nela habilidades de raciocínio e desenvolvimento, ou seja, tanto no campo da psicologia da educação, como na pedagogia é bastante destacada a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento integral dos sujeitos dos anos iniciais. Nesta linha de pensamento, o desenvolvimento é conquistado pela criança, por meio das experiências vividas com os adultos e com outras crianças, que os ajudam a realizar atividades, o que posteriormente, a criança irá realizar sozinha.

O brinquedo é extremamente importante no processo de aprendizagem da criança, pois ele promove mudanças na sua forma de se relacionar com o mundo, criando seu imaginário em qualquer situação, auxiliam o seu pensar e aceitam as regras, formando conceitos. Vale lembrar que a criança quando está brincando, apresenta um diferente do que acontece em sua vida cotidiana, age conforme o modo de funcionamento daquilo que imita, internalizando regras.

Considerando Vygotsky, baseado no Ministério da Educação, os anos iniciais apresenta a proposta de que as crianças ao interagirem entre si e com o brincar para se desenvolver.

Sendo assim, a promoção de atividades que, favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aqueles que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola e, particularmente, a pré-escola poderiam se



utilizar deliberadamente desse tipo de situações para atuar no processo de desenvolvimento das crianças (VYGOTSKY, 1998, p. 67).

Os anos iniciais favorecem o envolvimento da criança com o brincar é a forma mais encantadora que a mesma busca para aprender, e a escola hoje deve oferecer a ela mecanismo de busca de conhecimento. O brincar é uma forma natural de a criança descobrir a importância de estar presente na escola, assim a mesma desde os anos iniciais vai poder colocar e se expressar através de atividades lúdicas, considerando que o brincar, os jogos, a música, a arte, a expressão corporal sejam atividades que mantenham a espontaneidade das crianças nesse processo de ensino aprendizagem.

É brincando que se aprende são os brinquedos e a forma com as crianças imaginam que criam o pensar, o agir, assim construindo sua identidade na brincadeira que ela inventa. O brinquedo possui muitas características reais para as crianças, ele é fruto da sua imaginação e se torna uma peça para o conhecimento cognitivo dela naquele momento. Por exemplo, ao brincar de andar a cavalo a criança utiliza o objeto cabo de vassoura e imagina estar realizando a ação de cavalgar. Por isso, o brinquedo tem grande importância no desenvolvimento, pois cria relações entre situações imaginadas e situações reais. Além das produções acadêmicas, a defesa da atividade lúdica como parte da atividade pedagógica é encontrada em documentos que orientam as políticas públicas brasileiras para os anos iniciais.

Dessa forma, tanto nas afirmações dos pesquisadores do campo educacional, quanto nas políticas públicas confirma-se a importância e contribuição do brincar nas práticas educativas para o desenvolvimento infantil, todavia, cabe perguntar: será que a atividade lúdica acontece na prática pedagógica? Bem, indagações que necessitam de mais discussão, mas o certo de que se tem é que, independentemente de época, cultura e classe social os jogos e brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem em um mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos.

### **A IMPORTÂNCIA DO JOGO**

A importância da utilização dos jogos no processo de ensino e



aprendizagem, uma vez que os mesmos estimulam a inteligência por meio da ludicidade. Assim, é de extrema relevância ressaltar que os jogos didáticos podem e devem ser empregados como instrumentos de suporte pedagógico visando facilitar o entendimento e conseqüentemente a aprendizagem, haja vista que se caracteriza como uma ferramenta enriquecedora de ensino.

Ressalta-se também que os jogos influenciam no desenvolvimento das habilidades do indivíduo, dentre as quais pode-se pontuar a agilidade, a concentração e o raciocínio, cujo os mesmo contribuem significativamente para o desenvolvimento intelectual. Portanto, as ações como o pensar, tomar decisões, criar, inventar, aprender a arriscar e experimentar, estão sempre sendo estimuladas através dos jogos didáticos estabelecendo um bom comportamento coletivo, assim com relações pessoais qual o sujeito está inserido na sociedade.

Então, compreende-se que os jogos despertam o interesse do ser humano, independentemente do objetivo a ser alcançado, brincar ou aprender. e acordo com Kishimoto (1998), o significado de jogo na educação está relacionado simultaneamente pela presença marcante de duas funções: a lúdica e a educativa. Portanto, acredita-se que ambas as funções devem caminhar em equilíbrio, visando assegurar não apenas o jogo ou o ensino.

Assim, nota-se que o jogo não pode ser empregado apenas como meio para entretenimento para consumir energia acumuladas pelo indivíduo, mas sim como um recurso para o desenvolvimento das mais diversas habilidades do ser humano, sejam elas, físicas, cognitivas, afetivas ou sociais.

Segundo Kishimoto (1998), a palavra jogo, por ser empregada com diferentes significados e em diferentes circunstâncias, acaba tornando-se imprecisa e de difícil definição. Isso porque situações como “um gato que empurra uma bola de lã”, “um tabuleiro com piões” ou mesmo “uma partida de xadrez” (ainda que disputada numa competição entre profissionais) são todas denominadas jogo.

De acordo com Kishimoto (1998), a associação do jogo à educação é uma dúvida recorrente em meio aos educadores que fazem uso desta prática pedagógica. Ainda segundo o autor, um mesmo objeto pode desempenhar funções diferentes, dependendo do contexto em que é utilizado.



Se brinquedos são sempre suportes de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração, nos quais prevalece a incerteza do ato e não se buscam resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente, buscam-se resultados em relação à aprendizagem de conceitos e noções, ao desenvolvimento de algumas habilidades. Nesse caso, o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica, deixa de ser brinquedo para tornar-se material pedagógico. Um mesmo objeto pode adquirir dois sentidos conforme o contexto em que se utiliza: brinquedo ou material pedagógico (KISHIMOTO, 1998).

Do mesmo modo, acredita-se que no ambiente escolar tem seus objetivos previamente planejados, bem como a tarefa de adquirir conhecimentos e habilidades é de competência do educando. Assim sendo, sabe-se que todos os recursos utilizados em sala de aula têm sempre finalidades pedagógicas, o brincar e aprender fazem parte do cotidiano dos educandos e a utilização de jogos, em sala de aula, caracteriza-se em uma importante ferramenta para a efetivação dos objetivos a serem alcançados.

Então, é notório que mesmo muito antes de se empregar o termo lúdico nas práticas pedagógicas, este já era utilizado afim de se promover e estimular o conhecimento por meio da ludicidade. De modo que, a autora mostra que, enquanto o professor está fazendo uma atividade lúdica, através da mesma brincadeira estará promovendo a aprendizagem vários acontecimentos simultaneamente. Com essa ferramenta a seu favor o educador pode levar seus alunos a vivenciar várias experiências diferentes e obter resultados excelentes por meio da ludicidade.

A sociedade na qual estamos inseridos é complexa, e cabe ao adulto desenvolver uma visão crítica consciente, proporcionando diversas possibilidades de desenvolvimento para as crianças, sem que elas se sintam excluídas, visto que “brincar é viver criativamente no mundo. Ter prazer em brincar é ter prazer em viver” (MACHADO, 2001, p.27).

Assim, compreende-se que a criança se exercita brincando, situando-se frente ao mundo que a cerca, podendo adquirir cada vez mais e melhor o conhecimento de ao seu redor, sem que precise reporta-se a metodologias extremamente elaboradas afim de se obter êxito na busca pelo conhecimento. Portanto entende-se que, os questionamentos relacionados a aprendizagem de forma prazerosa são importantes de se abordar nos anos iniciais, uma vez que as crianças estão em um ambiente escolar onde precisam de brincadeiras e jogos realizados de forma acessível e espontânea, onde o aluno possa ser o personagem principal neste processo de aprendizagem.



De tal forma, o uso da criatividade é fundamental para que o professor, como sendo o mediador neste processo, possa desenvolver seu fazer pedagógico com qualidade, sendo que estes mesmos possam interagir com seus alunos de maneira saudável e prazerosa.

### **3.CAPÍTULO II – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CAMINHOS QUE CONVERGEM NA FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO**

Os termos alfabetização e letramento se completam em seu significado, e em prática será incluso na vida da criança, em seu uso diário, pois é a partir da alfabetização e letramento que a criança passa a se apropriar da leitura e escrita e assim adquirir a habilidade de interpretação e compreensão podendo se expressar de forma natural em seu cotidiano. Deste modo, a criança quando alfabetizada tem os conhecimentos prévios que correspondem as suas competências e habilidades de forma a ter melhores condições de aquisição do conhecimento de forma contextualizada. Portanto a alfabetização e o letramento ocorrem conforme a criança tem acesso à aprendizagem desenvolvendo as suas habilidades de leitura e escrita integrando a compreensão e interpretação do ambiente ao qual está inserida.

A prática da leitura advém dos primórdios da civilização onde o homem consegue compreender através dos sinais dos seus ancestrais, novos caminhos apresentam-se proposto para o ensino da leitura. Identificar por sua vez ler, os alunos verbalizam suas ideias demonstrando a evolução humana pelo conhecimento da leitura e revelam uma significação, portanto ler é se apropriar da imaginação e manter informado dos novos caminhos a serem descobertos.

De acordo com PCN (BRASIL, 1997, p. 51), a leitura é “um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção, uma atividade que implica, necessariamente compreensão no qual os sentidos começam a ser constituídos”. A leitura é um precioso instrumento para ponderar conhecimento por proporcionar o contato do leitor entre o viver e compreender.

O trabalho com crianças pequenas exige muitas disponibilidade e responsabilidade, o educador deve ser flexível, revendo diariamente sua



prática pedagógica para que desta forma faça a diferença na educação. É de fundamental importância, que o educador ao desenvolver atividades lúdicas em sala de aula ou em ambiente não escolar, esteja este livre de preconceitos, de medo, ou receios. O professor precisa repassar segurança a criança, para que ela possa integrar-se a brincadeira e, assim o docente desenvolver os conteúdos previamente elaborado.

Portanto, quando os pais acompanham o processo de estímulo a leitura em casa com seus filhos, essa prática permitirá que a criança antes de chegar à escola tenha o hábito da leitura. Nesse contexto, a escola fica responsável em dar continuidade ao incentivo pelo gosto da leitura no ambiente escolar, dessa forma, o aluno perceberá que o hábito da leitura fluirá como uma fonte em que se revigora sem cessar.

Lê traz liberdade aproxima o homem as informações necessárias para formar indivíduo há provas a serem vencidas para que os personagens alcancem al que desejam, entre o real e o cotidiano do imaginário mostre a leitura como algo muito difícil a ser enfrentado, mais por isso valiosa (SOLÉ, 1998, p. 91).

No entanto, vê-se como importante o despertar para a responsabilidade social promovendo condições incessantes no mundo e ao seu redor, havendo compreensão e ideias novas a serem formadas através de saber avaliar a leitura. Portanto, a escola ficará responsável de incentivar e motivar ao hábito da leitura como sendo momento interessante.

É evidente a contribuição da escola no desenvolvimento cognitivo da criança, de proporcionar experiências significativas que contribuam para formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, é papel do professor promover um ensino sistematizado que garanta a interação com o aluno para promover seu processo de desenvolvimento.

Na certeza de que o desenvolvimento do processo de leitura nas escolas não pode ser trabalhado de maneira isolada do desenvolvimento educacional, mas elaborado a partir da percepção que a criança tem sobre o mundo e sobre a realidade em que vive. Cabe ao professor proporcionar a criança o desenvolvimento da leitura e escrita de forma dinâmica, criativa e prazerosa.

Segundo os PCN (BRASIL, 1998),

O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento. O



segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a língua portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola, à língua que se fala em instâncias pública e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente. E o terceiro da tríade o ensino, é, neste enfoque teórico, concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto de conhecimento (BRASIL, 1998, p. 32).

Nesse sentido, é papel do professor não somente ensinar a ler, escrever e calcular, como tradicionalmente era feito, mas levar o aluno a ler e escrever textos com coerência, buscando o sentido das palavras e ampliando seu vocabulário. “Produzir linguagem significa produzir discursos” (BRASIL, 1997, p. 22).

Com base nisso, o educador deve proporcionar a criança o contato com diversos tipos de textos que circulem socialmente articulando as disciplinas que a lei ampara, respeitando a cultura onde o aluno vive e a relação destas com as outras regiões de modo interdisciplinar. Segundo Teberosky e Tolchinsky (1996):

Capacidade de ler criticamente textos, de reproduzir e criar textos, adaptando aos diferentes propósitos comunicativos;  
Dominar a escrita para resolver questões práticas, ter acesso à informação e as formas superiores de pensamento e desfrutar a literatura (usos sociais da escrita) e;  
Dominar os usos sociais das diferentes formas notacionais que se utilizam em nossa sociedade: gráficos, esquemas e ícones convencionais (iconização de produtos comerciais, sinais de trânsito, embalagens, folhetos...) (TEBEROSKY e TOLCHINSKY, 1996, p. 13).

Na atualidade, é imprescindível que o educando se aproprie da linguagem oral e escrita. Ler, escrever, compreender o mundo. Nesse sentido, é papel da escola formar leitores críticos, formadores de opinião, que desconfiem das palavras buscando um novo sentido. De acordo com a concepção de Freire (1982):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos (FREIRE, 1982, p. 21).

Na certeza de que o processo de apropriação da linguagem é algo muito natural, ele se desenvolve a partir da interação social em que o ser humano, no caso a criança, mediante as relações pessoais e interpessoais, no qual vai se descobrindo e aprendendo a viver em uma sociedade.



Dentre as argumentações, vê-se que a sociedade exige um indivíduo alfabetizado compreendendo o mundo de maneira letrado, e com isso também as famílias refletem muito na educação a forma de como a criança se desenvolve. Desde cedo, a família tem como missão proporcionar à criança um ambiente letrado, com isso a criança passa a ter um conhecimento mais amplo e sistematizado quando entram em contato com a escola, ambos cumprem um papel muito importante para o desenvolvimento do aluno.

Recentemente, a LDB nº 9394/96 foi modificada pela Lei nº 11274, de 2006. A lei determina o ensino fundamental de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando aos 6 (seis) anos de idade tendo por objetivo, a formação básica do cidadão.

Segundo o contexto educacional, percebe-se que no Brasil tem-se pesquisado incessantemente para a compreensão dos fundamentos alfabetizadores. São perceptíveis os avanços que ocorrem neste segmento do conhecimento, no entanto alfabetizar contempla um processo complexo e ímpar, não se restringindo apenas a assimilação da leitura e da escrita.

Diversos métodos estão disponíveis para garantir um processo significativo e positivo em relação às práticas alfabetizadoras, no entanto, será tomado como reflexão os métodos sintéticos e analíticos - métodos sintéticos (soletração, fônico, silábico) as educadores conheçam a mediar o conhecimento nas práticas de alfabetização a partir das estruturas "mais simples", tais como letras, fonemas ou sílabas, para em seguida contemplar a combinação em palavras, frases e pequenos textos, privilegiando a relação grafofônica de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999):

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre a oral e o escrito, entre som e grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em variadas partes ao todo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 21)

Já os métodos analíticos (sentenciação, palavrão) pressupõem inicialmente as práticas alfabetizadoras com as unidades complexas da língua, em seguida, a análise dos pequenos fragmentos: letras, sílabas e fonemas. Nesse contexto, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 23) afirmam que "segundo o método analítico e o reconhecimento global das palavras ou das orações; a análise dos componentes e uma tarefa posterior".



Diversos educadores utilizam-se dos referidos métodos de alfabetização para que os educandos possam ter domínio da leitura e da escrita, ou seja, alfabetizada. No entanto, em algumas situações eles não garantem a efetividade alfabetizadora, haja vista, que a aquisição do código linguístico se mostra amplo e complexo, dentre outros fatores que podem comprometer os processos cognitivos de leitura e da escrita, assim devem ser uma espécie de apoio para o professor mediador, porém não se pode mostrar como fator determinante para os processos de aquisição da leitura e escrita.

Comungando desse mesmo ideal de Ferreiro e Teberosky (1999, p. 31) afirmam que: "o método (enquanto ação específica do meio) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar; porém, não pode criar aprendizagem". Assim, percebe-se que os métodos não podem se mostrar enquanto remediador das dificuldades do processo alfabetizador, haja vista, que cada aluno contempla o seu processo cognitivo de maneira diferente e num fluxo temporal diferente, ou seja, cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem.

O processo de aprendizagem pode variar de acordo com as potencialidades ou dificuldades, no entanto, percebe-se uma necessidade de uma espécie de sistematização e intencionalidade que ampliem as potencialidades dos alunos no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita na educação formal. Em vista disso, percebe-se que a temática que envolve os métodos se mostra tão importante quanto os outros aspectos inerentes às práticas alfabetizadoras.

Em suma, os métodos alfabetizadores podem variar e podem ser adequadas às especificidades de cada aluno, sendo que os mesmos devem a todo o momento proporcionar aos educandos as habilidades no que tange não só a identificação dos códigos alfabéticos, mas prepará-los para que os mesmos possam responder aos desafios do cotidiano social, contemplados nas práticas diárias da leitura e escrita, isso é perceptível em casos de algumas pessoas que não sabem ler a palavra "banheiro" mas compreende a função dos mesmos pelos símbolos ou emblemas que representam a função de indicar que o referente recinto tem serventia como banheiro.

### **CONCEITO DE LUDICIDADE**



A criança é um ser humano em desenvolvimento, e nesse período, na infância que ocorrem as mudanças psicológicas que se processam e continuamente em estrutura cada vez mais complexa e produz um dinâmico desenvolvimento. É um processo que se baseia numa sequência de fatos biológicos, psicológicos e sociais, estreitamente inter-relacionada com objetivo de esclarecer as etapas de desenvolvimento da criança. A criança se expressaria através das atividades de percepção sensorial, da linguagem oral, associada à natureza e a vida, e do brinquedo. Froebel foi o primeiro educador a usar o brinquedo, como atividades, nas escolas; as atividades e os desenhos que envolvem o ritmo eram muito admiráveis. Em atividade lúdica na aprendizagem infantil, vê-se necessário narrar à história da ludicidade, para que possamos entender a sua gravidade no processo de ampliação da criança quanto não sendo apenas uma atividade prazerosa, mas, um exercício significativo para a construção do ser humano como um todo.

Segundo Piaget (1986), a atividade lúdica está presente na vida do indivíduo desde o nascimento, pois os estímulos e impulsos indicam ludicidade, tendo em vista que é a partir dos movimentos involuntários que a criança começa a executar atos e a conhecer seu próprio corpo. Muitas vezes estas ações eram realizadas pelas crianças sem que os adultos dessem muita relevância, pois desconheciam os benefícios da brincadeira no desenvolvimento cognitivo da criança.

A ludicidade é de relevante proeminência para uma boa aprendizagem e, conseqüentemente, compreensão de textos orais ou escritos, a conceituação e diferenciação de termos próprios da educação. Assim, o Lúdico significa brincar e neste ato de brincar estão inseridos os jogos, brinquedos, brincadeiras e músicas modalidades sempre presentes na vida de qualquer indivíduo, independentemente de classe social, raça ou cultura.

O brincar é universal, os objetivos de jogos, brinquedos e brincadeiras eram utilizados separadamente mais com o passar do tempo observou-se que apesar de possuírem significados distintos, todos contribuem para o desenvolvimento global da criança, ou seja, cognitivo, motor, afetivo, linguístico e social.

Desta forma, se remete ao passado é uma alternativa para que se possa entender sua evolução e quanto lentamente foram contribuindo, cada um com



sua particularidade, para o crescimento individual de cada sujeito. Ao observar o desenvolvimento do jogo, nota-se que há alguns séculos era visto somente como um vício, um mal que não exercia nenhuma função para a formação do indivíduo e assim até marginalizado das práticas sociais e pedagógicas.

Com o passar do tempo, o jogo passou a ser visto como uma atividade destinada apenas para os momentos de recreação, porém essa percepção gradativamente sendo deixada de lado por mostrar na verdade o quão relevante e útil pode ser o jogo na formação discente.

É nítida a divisão entre jogo e trabalho, onde o primeiro era utilizado para relaxamento e descontração e o segundo como uma atividade que possuía um valor, tido como o mais respeitável, pois exigia esforço físico e ou intelectual. Entretanto, começou-se a perceber que ao jogar a criança desenvolve raciocínio lógico, memória, concentração, atenção, linguagem, percepção, motricidade entre outros aspectos extraordinários para facilitar o ensino aprendizagem. Nota-se que com o passar do tempo, a ludicidade começou a ganhar espaço, passou a ser vista como estímulo e facilitadora no aprendizado infantil e mais importante, a utilização da ludicidade no processo de ensino aprendizagem.

A criança vive em processo de desenvolvimento buscando e descobrindo através de sua brincadeira, dos jogos e no manuseio de seus brinquedos. Cada criança possui sua peculiaridade o que as tornam diferentes entre si, e a partir das atividades lúdicas possam usar sua criatividade, transparecer suas emoções, além de manifestar seus pensamentos. Antes, os jogos eram vistos apenas como forma de divertimento, na atualidade são vistos como viabilizadores do desenvolvimento cognitivo. Quando a criança brinca, jogo, cria e recria, está mantendo um equilíbrio entre o mundo real e “seu mundo”.

No âmbito escolar, as atividades lúdicas passam a ter significados positivos a partir do momento que o professor proporciona um trabalho coletivo onde haja socialização e comunicação, neste momento surge oportunidade de mostra à criança suas potencialidades, ensinando-as a participar e conviver em grupo sem perder sua individualidade, incentivando sua capacidade de criar, algo a tornando mais segura dos seus atos.



Toda criança gosta de brincar, de jogar, de montar estratégias para resolver os desafios que os jogos oferecem. Então, percebe-se que a melhor forma para atender as necessidades que as crianças têm é fazer a inserção dos jogos nas turmas escolares, em especial do pré-escolar, já que é nas séries iniciais que as crianças aprendem os primeiros passos para uma boa escolarização.

Como se vê, a criança brinca e aprende ao mesmo tempo, tornando-se mais criativa, mais atenta ao que está acontecendo a sua volta, já que jogar pode desenvolver os sentidos das crianças, melhorando a coordenação motora, as habilidades de ler e escrever, ajudando no equilíbrio emocional e fazendo com que sejam mais felizes, em harmonia com os demais e aprendendo a conviver com as diversidades. Segundo Lopes (2000, p. 35), “a criança sempre brincou independentemente de épocas ou de estruturas de civilização (...), portanto, se a criança brincando aprende, por que, então, não a ensinarmos de maneira que ela aprenda melhor?” A arte de jogar é muito antiga, vinda desde os antigos gregos. É brincando que a criança aprende, e é por isso que a melhor maneira de se ensinar uma criança é através do jogo, pois é através do prazer que o jogo proporciona que ela desenvolve e estimula o aprendizado. Para Antunes (2004, p. 31), “brincando a criança desenvolve a imaginação, fundamenta afetos, explora habilidades e, na medida em que assume múltiplos aspectos, fecunda competências cognitivas e interativas”. Dessa forma, a criança aprende tanto a se desenvolver socialmente como também constrói o saber nas tarefas escolares, e todas estas competências são desenvolvidas em conjunto por estarem ligadas umas às outras.

O brincar deve ser feito de forma a atender alguma necessidade da criança e não apenas para preencher um tempo vago na escola sem que se tenha alguma finalidade para tal jogo. Ao brincar as crianças sentem-se felizes, interagem melhor com os demais colegas além de sentirem mais prazer na hora do aprendizado. Por isso, o jogar assume o papel didático.

Pode-se dizer então que o desenvolvimento infantil se dá, também, através da participação das crianças em atividades lúdicas, em especial, os jogos, pois é por meio deles que as crianças podem ser capazes de assimilar o



que pode ou não ser feito, o que é certo ou errado, não somente naquele jogo, mas em tudo o que fizerem.

A ação imaginária contribui no desenvolvimento das regras de conduta social, onde as crianças, através da imitação, representam papéis e valores necessários à participação da mesma vida social por elas internalizadas durante as brincadeiras em que imitam comportamentos adultos (VYGOTSKY, 1998, p. 53).

Assim, a ação imaginária produzida por meio do jogo faz com que as crianças aprendam os diversos valores que servirão para a vivência social, como o respeito, a boa conduta, a capacidade de saber esperar a sua vez, estes são apreendidos em sala de aula, e levados para sua vida fora da escola. Entretanto, ao considerar-se a criança como um ser biológico que percorre etapas etariamente definidas, encobre-se sua vinculação social e histórica e toma-se o que é particular pelo universal.

Conforme Kishimoto (2008), a sociedade nem sempre deu valor as necessidades das crianças com um ser único e dotado de peculiaridades e cuidados especiais, ou seja, ela sempre foi imaginada como um “adulto em miniatura”, visando e reproduzindo o que os pais queriam que fosse. Dessa maneira, a pedagogia busca na infância em situação escolar identificar padrões de normalidade quanto ao desempenho das crianças e estabelecer regularidades para a orientação da prática dos educadores.

Isto vale para todas as crianças, tanto para aquelas que sabem se comportar em sala de aula, obedecendo às regras da escola, quanto para aquelas que são mais agitadas, e não obedece a nenhuma regra, pois o jogo ajuda a controlar as inquietações e como se comportar em diversas situações. Segundo Dhome (2003), o brincar é tão importante para o desenvolvimento da criança, que merece atenção dos educadores, tendo em vista que as atividades infantis devem estimular interesse, a criatividade, interesse, capacidade de observação, experimentar e outros. As crianças aprendem com maior eficácia a partir do momento que sentem prazer em aprender.

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de autodescoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeitos daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e



em um clima de camaradagem. Quando a criança joga, ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros (DHOME, 2003, p. 124-125).

As descobertas na pré-escola acontecem a partir do momento em que a criança descobre seu universo, brinca e socializa durante as atividades do brincar. Embora as professoras percebam que os anos iniciais do ensino fundamental é a fase inicial, restringem essa fase da vida a aprender a ler, a ter noção de estudo, a gostar de estudar, ou seja, escolarizam demasiadamente essa etapa, enfatizando a alfabetização como prioridade.

A escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também preocupar-se com a formação global dos alunos, numa visão em que o conhecer e o intervir no real se encontram. Mas, para isso, é preciso saber trabalhar com as diferenças: é preciso reconhecê-las, não camuflá-las. Assim, o brincar deve fazer parte das atividades realizadas, é mostrar para o aluno que ele aprende e se desenvolve cognitivamente através do saber brincar, pois neste período a criança está vivenciando o intenso desenvolvimento com o brincar e assim vivenciando suas práticas educativas de modo brincar.

### **CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO**

É perceptível que não basta simplesmente ler e escrever, se o educando não consegue envolver essa prática com competência para o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais cotidianas, com esse contexto percebe-se que as pessoas que são alfabetizadas, porventura, não têm a competência de ler um simples jornal, redigir um documento (declaração, requerimento dentre outros) ou até mesmo escrever ou ler um simples bilhete.

Ou seja, ser alfabetizado não é suficiente para que o educando ou quaisquer cidadãos possa responder aos desafios do cotidiano social. Assim como apenas ser alfabetizado não era sinônimo do ser hábil nas práticas de leitura e escrita nas variadas práticas sociais, surgiu o termo letramento, para atender as demandas do cotidiano social dos educandos.

Esta é considerada apenas a ótica acerca do letramento dentre várias existentes, a exemplo disso (SOARES, 2008, p. 18) afirma que o letramento pode ser considerado como "[...] o resultado da ação do ensinar ou aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um



indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita". Apesar das variadas concepções é possível afirmar que a maioria delas parte do pressuposto associado às práticas sociais da leitura e escrita.

Tfouni (2006) afirma que o letramento apesar de mais completo na formação alfabetizadora, não pode ser em hipótese alguma desconectado ou substituído pela alfabetização, pois a alfabetização forma a base necessária para as práticas dispostas no letramento, em vista disso o mesmo deixa bem claro sua visão e entendimento acerca do letramento como pode ser percebido no texto a seguir,

Por isso. Explicito aqui minha posição: letramento, para mim, é um processo cuja natureza é sócio-histórica, pretendo, com essa colocação, opor-me a outras concepções de letramento atualmente em uso que não são nem processuais, históricas. Ou então adotam uma posição "fraca" quanto a sua opção processual e histórica. Refiro-me a trabalhos nos quais muitas vezes, encontra-se a palavra letramento usada como sinônimo de alfabetização (TFOUNI, 2006. p. 31).

A partir das palavras do autor supracitado, é possível afirmar que o letramento não surgiu para substituir a alfabetização, haja vista, que ambos apresentem propostas importantes, mas distintas para a formação inicial do educando, ou seja, o uso crítico consciente das práticas sociais de leitura e escrita.

Baseado nisso, discorre que os educadores contemporâneos, devem estar atentos e porque não dizer conscientes da real função de alfabetizar, que seria segundo o autor, a criação de possibilidades para que o educando criança, jovem adulto, possa desenvolver a potencialidade no que tange a codificação e decodificação do sistema alfabético.

Hoje, a discussão acerca da alfabetização do letramento tornou-se frequente não apenas pelo fato de só haver a necessidade de ambos no contexto educacional dos primórdios da educação formal. Mas pelo fato de que muitos educadores deixaram de lado o processo de alfabetizar substituindo-o pelo letramento. Esse fenômeno se mostra enquanto problemática, ambos constituem um ciclo do processo cognitivo, haja vista, que alfabetizar não pode em hipótese alguma ser marginalizada na sala de aula, mesmo porque para que o aluno



possa envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, se fez necessário inicialmente que ele tenha o domínio do código linguístico.

Nesse contexto, é possível afirmar que tanto o ato de alfabetizar quanto o ato de letra constituem na essência do processo de ensino-aprendizagem, dois momentos distintos, mas importantes na mesma proporção, tendo um papel fundamental para que ocorram as práticas sociais da leitura a escrita.

Entretanto, vale a pena ressaltar, que ambos não devem ser mediados isoladamente, apesar das suas características peculiares, pois o coerente seria que o professor mediador utilize os dois fundamentos de maneira simultânea mesmo que sucinta. Baseando-se nisso, é possível perceber o quanto se faz importante a alfabetização nas premissas do letramento, dessa forma o educador tem que compreender ambos os processos como indispensáveis para que o educando potencialize as habilidades do código linguístico e possa assim, responder as pretensões das práticas sociais de leitura e escrita na sociedade contemporânea.

### **CONCEITO DE LETRAMENTO**

Ao observar o universo infantil bem antes da criança contemplar a educação formal, pode-se perceber que a mesma já tem os primeiros contatos com os códigos linguísticos, haja vista que a leitura e a escrita já se fazem presente no seu contexto familiar através dos símbolos ou signos - "sinal indicativo; símbolo, ou seja, qualquer objeto, forma ou fenômeno que representa algo diferente de si mesmo e que é us. no lugar deste numa série de situações a balança em lugar de 'justiça'; a suástica, de 'nazismo' etc". (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2009, p. 22).

Nessa fase 0-3 (anos), a criança começa a ser letrada por assim dizer, através do contato com os diversos suportes e detentores das características do gêneros textuais, a exemplo: quando os pais leem para seus filhos, quando a criança esboça uma escrita própria pelo rabisco significando ser um bilhete etc. Com isso, a criança passa a contribuir com o seu processo do ensino, pois na escola formal já terá algumas referências importantes, onde o professor mediador identificá-las e usá-las como base para suas práxis pedagógicas (SOARES, 2008).



Nesse contexto, faz-se necessária que a instituição de ensino perceba essa pré-disposição, potencial dando continuidade a esse processo, proporcionando aos educandos a sua apropriação baseando-se nos pressupostos das práticas sociais da leitura e escrita, possibilitando aos mesmos o contato com variadas tipificações de textos, bem como, a compreensão deles em suas respectivas significações.

Para Soares (2008), não basta apenas que o educando esteja convivendo com diversos materiais escritos, se faz necessário também orientá-los da maneira sistemática e progressiva para que elas possam se apropriar do sistema da escrita, contemplado da maneira paralela ao letramento. Nesse contexto, o processo cognitivo que envolve a leitura e escrita, não se perpetua tão somente em determinado tempo, mas num fluxo temporal que contempla um trabalho a médio, e longo prazo contínuo.

Paralelo a isso, as práticas dispostas no letramento devem se ater as mesmas premissas, não sendo ainda restrito apenas a disciplina da língua portuguesa, mas deve seu desempenho e fazer parte integrante de todas as disciplinas pressupondo a interdisciplinaridade constante em suas ações educacionais, haja vista, que é dever de todos os educadores independentemente do seu campo de conhecimento específico de atuação, inserindo o educando no processo de letramento.

Baseado nisso, discorre nos enunciados de diversos autores e pesquisadores em educação que a alfabetização e o letramento se mostram indispensáveis para a formação do indivíduo, tendo em vista que a sociedade atual se encontra cada vez mais globalizada, exigindo cada dia mais dos entes sociais, proporcionando novas necessidades a partir de demandas externas, inserindo a escola em um processo contínuo de reflexão acerca do seu papel social, dando maior qualidade no ensino, e conseqüentemente contribuindo de forma significativa para a formação de seres críticos e conscientes na sociedade atual.

Quando reflete sobre a ação docente nas contribuições de Soares (2008), é possível perceber a importância do professor mediador como o mais 'experiente' na relação professor/aluno. A presença dele no processo cognitivo é importante quando se percebe a possibilidade de recriação por parte do educando; bem como, a reflexão sobre a relação das informações assimiladas



culturalmente pelo professor e a referencial para as novas concepções elaboradas pelos alunos. As crianças podem contemplar práticas de Leituras e escritas em suas atividades cotidianas com os pais ou atores sociais que se encontram ao seu redor. Na obra de Ferreiro e Teberosky (1999), denominado de "Psicogénese da Língua Escrita", é considerado até hoje com referência no estudo das formas de aquisição de leitura a escrita.

Dessa forma, pode-se perceber que esse processo de mediação, gerenciado pelo adulto ou por outros seres sociais, proporciona a criança a apropriação de uma consciência imprópria, memória, atenção categoria ou até mesmo inteligência, emprestadas pelo mediador, que servem como referencial para uma futura concepção formada em sua mente, que porventura: serão à base de suas atitudes no meio social. Esse ponto de vista é defendido por autores como Coll (1996), que em sua obra define essa forma de mediação como relevante nas ações concernentes ao processo cognitivo.

Pode-se perceber a partir da concepção formada por Coll (1996) que através da interação com o educando, o professor mediador proporcionar ao mesmo, o contato com seus conhecimentos até então assimilados e ao longo do tempo, permitindo que ele possa evoluir a partir dessas novas informações, não a considerando como absoluta e única, mas formando a base necessária para a formulação de novas concepções.

Nisso, discorre que a criança anterior ao ingresso escolar, mantém-se em contato direto com os códigos linguísticos, haja vista, que a leitura e a escrita já se manifestam em atividades cotidianas da criança a exemplo do período em que ela começa a perceber o mundo a partir dos símbolos. Dessa forma, a leitura disposta nas atividades lúdicas assume a forma simbólica, ou do faz de conta (SOARES, 2008).

A criança ao se deparar num momento de interação com a escrita, não age de maneira passiva, pois reflete em vista as situações de maneira positiva, construindo à reconstruindo hipótese de maneira, diga-se de passagem, mutável, sendo ator principal no seu processo de desenvolvimento como todo.

Dessa forma, as crianças ao serem inseridas no ambiente das práticas do letramento, já podem contribuir com o próprio processo de ensino por serem detentores de conhecimentos sobre a língua bem como as funções dela na



sociedade. Baseado nisso, é possível afirmar que essas potencialidades devem ser levadas em consideração ao iniciar o processo de alfabetização da criança, por manter uma relação com suas atividades cotidianas, e conseqüentemente parte de sua vida social.

Nesse contexto, para Ferreiro e Teberosky (1999), é de suma importância criar uma base sólida com as premissas alfabetização e letramento para que haja uma contribuição significativa nas disciplinas e conhecimentos que virão a seguir. Isso implica num desenvolvimento maior nas fases educacionais a seguir, pois a criança ao possuir experiências com a língua e com o uso dela em seu cotidiano passa a perceber as funções da leitura e da escrita. A partir desse pressuposto, percebe-se que a criança reconhece os usos da leitura e da escrita em suas disposições antes 'mesmo' de estarem alfabetizadas, e para esse fato que elas devem ter em seu processo de alfabetização a inserção de textos reais, isso pode ser identificado como uma premissa de letramento.

Comungando desse ideal, a mediação social proposta por Vygotsky (1984), direciona suas ações de forma contrária a mediação instrumental que por vezes não leva em consideração as habilidades cotidianas do educando. Nessa outra forma de mediação proposta pelo autor a figura do professor enquanto mediador é considerado de suma importância no processo cognitivo, haja vista, que o professor tem uma determinada relevância para o pesquisador como ser mais experiente, que facilita e auxilia a assimilação de conhecimento, imaginação e imitação, isso acontece segundo o autor na fase dos 2 (dois) aos 6 (seis) anos de idade. E essa fase é caracterizada pela transformação do objeto no que se refere só seu significado, a exemplo um simples pedaço de tijolo representando um carro, ou seja, a leitura a partir do objeto.

Portanto, ao final deste tópico, compreende-se que criar um ambiente estimulador para alfabetização e letramento não se restringe a simples decoração da sala de aula ou prática do professor, mas também deve receber influência do domínio de fatores externos e que exercem relação e que sem esses fatores ocasionam um desenvolvimento mais lento e conseqüentemente trará prejuízos ao discente.



#### **4. CAPÍTULO III – UMA VISÃO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO LÚDICA E SEUS DESAFIOS**

##### **FORMAÇÃO DOCENTE PARA O TRABALHO COM O ALUNO DE 6 ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

No dizer de Boff (2004, p. 24), “as escolas são no dia a dia desafiadas quanto a maneira de transmitir o conhecimento, pois “educar não é encher uma vasilha vazia, mas acender uma luz”. Em outras palavras, educar é ensinar a ser um ser pensante e não apenas ensinar a ter conhecimentos”. Educar é acender uma lâmpada que para ser mantida acesa precisa de óleo da leitura, da dúvida, crítica e do cuidado. Segundo Symanski (2001): “a escola tem um papel preponderante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da instituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade (p. 90)”. Para maior influência de seus objetivos, a escola necessita da participação da família e que essa participação seja de efetivas contribuições para o bom desempenho escolar dos alunos. As responsabilidades da escola hoje vão além de mera transmissora de conhecimento, sua função é muito mais ampla e profunda.

Para muitas famílias, a escola foi e continua sendo vista como a instituição capaz de repassar conhecimentos, muitos pais esperam que a escola faça o que eles não conseguiram construir em seus lares. No entanto, a família precisa entender que ela é a instituição de maior importância na vida da criança, e é o objeto central para a formação de um ser, uma vez a falta de bem-estar no seio dela, motivada por dificuldades ou complicações pode causar muitos problemas aos seus descendentes. A família representa um dos pilares mais importante no processo do desenvolvimento do aluno.

É importante frisar para melhor entendimento, o sentido da palavra pilares, em que Romão (2007, p. 100) destaca o fundamento do termo que é tomado no sentido de “bases”, no latim “tardio”, que significa “segurar com força,” “sustentar”. Para a criança que tem uma família bem estruturada, que



lhe dá carinho e atenção, a capacidade de aprender é muito maior. O envolvimento dos pais na educação dos filhos possibilita ainda mais o sucesso nos estudos da criança e na sua formação para o futuro. Com a deficiência dessa interação família e escola, todos os lados estão perdendo.

No entanto, sabe-se que é de extrema importância essa relação, para a construção do processo educacional. Para tanto, é indispensável que a escola busque alternativas de modo a sensibilizar as famílias da importância de sua participação, para a consolidação de uma educação compartilhada. Neste sentido, ao refletir sobre os porquês de a família não estar ativamente participando das rotinas escolares, pode pensar em vários pontos, mas, em vez de ficar colocando culpa em alguém, é mais interessante procurar algumas ações estratégicas que possam auxiliar e contribuir para facilitar o processo educacional.

Diante do exposto apresenta-se a seguir proposta de intervenção a fim de provocar novas discussões almejando mudanças no sentido de alcançar uma relação equitativa entre família e escola frente ao cenário educacional. Deve-se realizar eventos que envolvam a comunidade como: palestras com especialistas, cursos, oficinas e programação desse tipo, incentivam as famílias a ultrapassarem o portão da escola a conhecerem de perto o dia a dia dos filhos e dos funcionários.

É relevante também convidar os pais a participar dos planejamentos que a escola elabora no sentido de envolver as famílias com a comunidade escolar, levantando discussões relacionadas às famílias, a escola e a comunidade. Pode-se divulgar os resultados alcançados no decorrer do ano letivo, valorizando a participação e o empenho das famílias e de toda comunidade escolar.

A importância de a escola envolver as famílias a participar ativamente em seu contexto a partir dos eventos proposto, cria a possibilidade de desenvolver uma ação coletivamente construída por todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Desta forma, a escola, de fato, estaria evitando que a família só comparecesse ao ser convocada em eventos esporádicos e aleatórios.

Assim, os pais poderiam compreender que a sua presença na escola deixaria de ser apenas para resolver problemas relacionados ao rendimento



escolar do aluno, ou relacionado ao comportamento deles. Para tanto, a família deve ser vista como uma coautora do processo educativo escolar. Observar ainda, que todo projeto, evento ou reunião a ser desenvolvidos na escola deve ser pensado de maneira integrada.

### **CARACTERIZAÇÃO/ FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO LÚDICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL**

As crianças podem contemplar práticas de leituras e escrita em suas atividades cotidianas com os pais ou atores sociais que se encontram ao seu redor.

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse lado, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças (VYGOTSKY, 2004, p. 99).

Essa premissa baseada no sistema construtivista de ensino, o ser mais experiente no processo de ensino aprendizagem escolarizado, pode ser representado pela participação do professor, do adulto ou até mesmo pelos próprios pais/responsáveis na educação escolar dos alunos, bem como os próprios colegas de classe, quando no contato diário há interação, de forma recíproca, estabelecem trocas de informações no sentido de aquisição de conhecimentos. Esse ideal enriquece ainda mais as práticas sociais da leitura e escrita dispostas no letramento e o entendimento mais significativo dos códigos alfabéticos constituintes como fundamento primordial das práticas alfabetizadoras.

Dessa forma, pode-se perceber que esse processo de mediação, gerenciado pelo adulto ou por outros atores sociais, proporciona a criança a apropriação de uma consciência imprópria, memória, atenção categorial ou até mesmo inteligência, emprestadas pelo mediador, que servem como referencial para uma futura concepção formada em sua mente, que porventura: serão à base de suas atitudes no meio social.



Esse ponto de vista é defendido por autores como Coll (1996), que em sua obra define essa forma de mediação como relevante nas ações concernentes ao processo cognitivo. Pode-se perceber a partir da concepção formada por Coll (1996) que através da interação com o educando, o professor mediador proporcionar ao mesmo, o contato com seus conhecimentos até então assimilados e o logo do tempo, permitindo que ele possa evoluir a partir dessas novas informações, não a considerando como absoluta e única, mas formando a base necessária para a formulação de novas concepções.

Nisso, discorre que a criança anterior ao ingresso escolar, mantém-se em contato direto com os códigos linguísticos, já que a leitura e a escrita já se manifestam em atividades cotidianas da criança a exemplo do período em que a mesma começa a perceber o mundo a partir dos símbolos. Dessa forma, a leitura disposta nas atividades lúdicas assume a forma simbólica, ou do faz de conta,

A criança ao se deparar num momento de interação com a escrita, não age de maneira passiva, pois reflete, em vista às situações, de maneira positiva, construindo e reconstruindo hipóteses de maneira, diga-se de passagem, mutável, sendo ator principal no seu processo de desenvolvimento como todo. Dessa forma, as crianças ao serem inseridas no ambiente das práticas do letramento, já podem contribuir com o próprio processo de ensino por serem detentores de conhecimentos sobre a língua e como as funções dela na sociedade.

Nesse contexto, para Ferreiro e Teberosky (1999), é de suma importância criar uma base sólida com as premissas alfabetização e letramento para que haja uma contribuição significativa nas disciplinas e conhecimentos que virão a seguir. Isso implica num desenvolvimento maior nas fases educacionais a seguir, pois a criança ao possuir experiências com a língua e com o uso dela em seu cotidiano passa a perceber as funções da leitura e da escrita. Baseado nisso, é possível afirmar que essas potencialidades devem ser levadas em consideração ao iniciar o processo de alfabetização da criança, por manter uma relação com suas atividades cotidianas, e conseqüentemente parte de sua vida social.

A partir desse pressuposto, percebe-se que a criança reconhece os usos da leitura e da escrita em suas disposições antes 'mesmo' de estarem



alfabetizadas, e por esse fato que elas devem ter em seu processo de alfabetização a inserção de textos reais, isso pode ser identificado como uma premissa de letramento. Comungando desse ideal, a mediação social proposta por Vygotsky (2004), direciona suas ações de forma contrária a mediação instrumental que por vezes não leva em consideração as habilidades cotidianas do educando.

Nessa outra forma de mediação proposta pelo autor a figura do professor enquanto mediador é considerado de suma importância no processo cognitivo, haja vista, que o professor tem uma determinada relevância para o pesquisador como ser mais experiente, que facilita e auxilia a assimilação de conhecimento, imaginação e imitação, isso acontece segundo o autor na fase dos 2 (dois) a 6 (seis) anos de idade. E essa fase é caracterizada pela transformação do objeto no que se refere ao seu significado, a exemplo de um simples pedaço de tijolo representando um carro, ou seja, a leitura a partir do objeto.

### **OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO LÚDICA**

Observou-se que há muitas crianças em ano escolar que não conseguem obter o desenvolvimento esperado, em determinada turma, elas não obtêm as competências e habilidades da leitura e da escrita. Embora o processo de alfabetização proporcione um vasto suporte transformando a criança em sujeito ativo e participativo em seu processo de alfabetização ainda apresenta inúmeras dificuldades em alfabetizar.

De acordo com Ferreiro (2004 p. 10):

Quando procuramos compreender o desenvolvimento da leitura e escrita do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído (e não do ponto de vista da aquisição de uma técnica ou transcrição) buscamos ver se havia modos de organização relativamente estáveis que se sucediam em certa ordem.

É preciso analisar e compreender como a criança absorve o aprendizado, respeitando seus limites, considerando como e o que ela está aprendendo, como ela absorve o aprendizado da alfabetização da leitura e escrita, assim, o ensino deve ser respeitado conforme seu nível de aprendizagem e sua especificidade.



É importante ressaltar que nenhuma criança é igual à outra, que nenhuma aprende do mesmo jeito que a outra, as turmas geralmente são homogêneas apresentando crianças que se desenvolvem mais rápido que outras, no entanto já conseguem as competências da escrita e assim por diante, deste modo são inúmeros os motivos que ressaltam os diferentes níveis de aprendizagens.

Como afirma Freire (1996 p. 33):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos velho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes, em relação com o ensino dos conteúdos.

Portanto, é importante que o educador tenha consciência que cabe a ele obedecer aos níveis de aprendizagem de cada aluno, bem como os seus saberes. É preciso que o professor esteja atento as múltiplas aprendizagens dos alunos, buscando compreender como ele pode ampliar de modo que permita a constituir, comparar as habilidades, melhorando os resultados dos alunos durante o processo de aprendizagem.

A partir do momento em que o professor busca compreender essas múltiplas aprendizagens, o aluno tem mais chance de desenvolver suas competências e habilidades de forma satisfatória, atendendo as aprendizagens no cotidiano escolar bem como pondo em prática na sua vida social. Como diz Freire (1996 p. 25): “Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.” Assim, deve-se ensinar a criança a apoderar-se de seu conhecimento a fim de que este aprenda a ser, considerando sua autonomia.

Existem crianças que apresentam dificuldades de compreensão, e isso por sua vez pode acarretar problemas de relações, pois na maioria dos casos as crianças não conseguem expressar-se oralmente no meio em que está inserida.

Ainda segundo Ferreiro (2004 p.15):

O chegar a ser consciente de certo processo implica sempre uma reconstrução desse conhecimento, em outro nível, e cada



reconstrução toma tempo, porque implica um grande esforço cognitivo para superar as perturbações que devem ser compensadas.

Sendo o aluno um sujeito ativo e ágil no processo de aprendizagem, ele se permite à construção do seu conhecimento com facilidade, portanto é importante que se conheça a criança como um todo, como ela se adapta ao meio, como constrói seu conhecimento e principalmente em qual nível de aprendizagem ela se encontra, pois na mesma forma que este pode aprender com facilidade algumas habilidades, ele pode ter dificuldades em absorver outros conhecimentos.

Na aquisição da escrita é que geralmente as dificuldades do processo de alfabetização acontecem, pois essa construção deve acontecer de forma simultânea, onde a criança precisa ser instigada a iniciar a construção da escrita de maneira eficaz. E é aí que as dificuldades surgem, pois, como diz Dauden (1994 p. 28):

O adulto entra no processo como aquele que interpreta como significativa as ações da criança com o objeto escrito, atribuindo-lhes sentido. Ao observar a criança ao passar o dedo ou apontar a escrita em alguns objetos em que as letras atraem a atenção pela própria cor, forma ou tamanho, o adulto atribui a leitura, como demonstração de um interesse pela escrita.

A valorização das produções do aluno é de suma importância, independente de qual seja essa produção, o professor deve estimular o aluno a produzir cada vez mais, e sempre demonstrar interesse por suas produções, valorizando o conhecimento e a escrita da criança, pois esta acontece de forma gradativa, conforme a criança vai incorporando-as em seu cotidiano, ela vai associando as palavras e imagens. Assim a criança se apresenta como um sujeito com seus conhecimentos e saberes, aonde o conhecimento novo vem apenas para ampliação do que ele já tem.

Segundo Weisz (2016, p. 32):

[...] o que move as crianças é o esforço para acreditar que através das coisas que elas têm de aprender existe lógica. De certa maneira, aprender é, para elas, ter de reconstruir suas ideias lógicas a partir do confronto com a realidade. E é exatamente porque nem tudo o que elas têm de aprender é lógico ou tem uma lógica que esteja ao seu alcance imediato que constroem ideias aparentemente observadas, mas que são importantes no processo de aprendizagem[...]



Deste modo é preciso que a criança veja importância naquilo que aprende uma vez que se as aulas forem desinteressantes a ela, nada mais faz sentido na sala de aula o que vem a contribuir para as dificuldades de aprendizagens. Assim Segundo Rubem Alves (2002, p. 41):

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras silábicas e as palavras que as fascinam, é a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê a criança escuta com prazer.

Deste modo para o autor a leitura é uma das ferramentas importantes no processo de alfabetização, onde a leitura não realizada pelo professor pode acarretar dificuldades pois o aluno pode ter consigo os mais chamativos dos livros se ele não obtiver o exemplo e nem o estímulo à inicialização da leitura ele automaticamente se vê incapaz de realizar sozinho. Quando o aluno não sabe ler e alguém conta uma história ou ler um livro em voz alta, o aluno tem a chance de adquirir várias noções sobre a língua escrita, processo esse que o ajudará no processo de alfabetização e letramento.

A criança por sua vez, busca ouvir outras vezes a mesma história como um processo de repetição a fim de poder ter o domínio da reprodução e poder recontar a história ouvida com a mesma riqueza de detalhes em sua própria linguagem. Já disse Fox (2003, p. 23) que: “o fogo da alfabetização está criado pelas faíscas emocionais que voam quando uma criança, um livro e um adulto que lê entram em contato”. Portanto, trabalhar a alfabetização deste modo é despertar no aluno o desejo pela aprendizagem e ao mesmo tempo o gosto pela leitura.

As avaliações na alfabetização também são motivos de preocupações, pois estas buscam diagnosticar as aprendizagens sistematizadas se estas estão oferecendo resultado no método de alfabetização. Como enfatiza Castanheira (2009 p. 75):

As avaliações dessa natureza permitem a construção de um diagnóstico do sistema de ensino, revelando os saberes construídos pelos alunos em diversos momentos de seu percurso escolar. Esse tipo de avaliação é um instrumento que tem como finalidade gerar ações voltadas para a correção de distorções, no ensino que implica ações de apoio técnico e financeiro à escola.



Assim nota-se que é a partir dos resultados propostos nas avaliações que se podem buscar alternativas satisfatórias para diminuir as dificuldades de aprendizagens dos alunos, assim conclui-se que é de grande importância a realização destas avaliações nesse processo de alfabetização uma vez que ela vem para diagnosticar as dificuldades encontradas pelos alunos e a partir daí trabalhar nelas, contribuindo desta forma para o avanço das aprendizagens em todas as suas extensões.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabe-se que é na base da educação, na fase inicial a vida escolar do aluno, que deve ser trabalhada a formação pedagógica, nesta fase é importante que sejam desenvolvidas as habilidades cognitivas e motoras das crianças, de forma lúdica e atrativa a elas, de modo que favoreça o seu aprendizado e o gosto pela continuidade na escola de forma participativa.

Entende-se que são múltiplas as causas que induzem o educando a não alfabetização, isso ocorre desde a relação em família até o processo escolar, à sala de aula que por sua vez é um ambiente que necessitaria ser oportuno ao conhecimento e a aprendizagem, nem sempre funciona desta forma, uma vez que no ambiente escolar existem múltiplos saberes e os mais variados gostos e interesses, opiniões e condutas, o que provoca o desagrado com o colega, com o professor e até mesmo com o processo de ensino, induzindo assim o aluno a perda pelo gosto e pelo interesse em aprender e até mesmo em frequentar a escola.

Portanto, estes mesmos alunos que perdem o interesse e deixam de ver a escola como espaço de aprendizagem é os mesmos que exibem um índice de agitação muito elevado, uma vez que, o aluno ao ingressar na sala de aula ele busca aprender e conhecer novas oportunidades de aprendizagem, e quando isso não acontece, seja por qual for a causa, o aluno fica sujeito a perder o interesse a pôr dificuldades no primeiro obstáculo que ele se depara.

A criança começa a ser letrada quando entra em contato com as diversas manifestações textuais, quando ouve uma música infantil ou até mesmo quando em contato com tinta ou lama a criança reproduz o formato da sua mão ou pé no chão de sua casa. Assim, é de suma importância que ao chegar à escola, os professores possam estar dando continuidade a esse processo possibilitando ao educando a apropriação das variadas formas



textuais em uma ótica contextualizada às suas experiências.

Sabe-se atualmente, para que ocorra a transformação significativa na sociedade, se faz necessário que os seres que nela estão inseridos tenham oportunidades iguais de aprendizado, haja vista, que essa ótica promove uma educação prioritária, contextualizada e igualitária, no qual visa a todo o momento amenizar as desigualdades sociais fazendo com que a alfabetização e o letramento se tornem processos relevantes para a inserção social.

Assim, por meio da realização desta pesquisa, verifica-se que num mundo em evolução constante, composto por um panorama histórico e político de ideias diversificadas, faz-se imprescindível à valorização do homem como sujeito-reflexivo apropriado de atuar dialeticamente neste conjunto social. Por isso, é necessário que seja efetivado um trabalho de alfabetização que julgue a formação de um sujeito independente construtor da própria vida.

### REFERENCIAS

- ALVES, R. M. Atividades Lúdicas e Jogos no Ensino Fundamental.
- ANTUNES, C. Ensino Fundamental: Prioridade Imprescindível. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.
- BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1997, 10 volumes.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- COLL, C. Psicologia e Educação: aproximação aos objetivos e conteúdos da psicologia da educação. In: C. COLL; J. PALACIUS e A. MARCHESI (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- DHOME, V. Atividade Lúdica na Educação: o Caminho de Tijolos Amarelos do Aprendizado. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- Disponível em: [http://ufpi.br/mesteduc/eventos/iiiencontro/gt8/atividades\\_lúdicas.pdf](http://ufpi.br/mesteduc/eventos/iiiencontro/gt8/atividades_lúdicas.pdf). Acesso em 03 jan. 2018.
- FAZENDEIRO, S. R. Motivação e Afetividade nas Relações de Aprendizagem: Questões Para Pensar a Educação Física e Seu Ensino. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/biblioteca/1812.pdf>. Acesso em 20 jan. 2018.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**REVISTA METODISTA FACO**

- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- KISHIMOTO, T. M. (Org). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LAKATOS, E. M. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2006.
- LOPES, M. da G. *Jogos na Educação: Criar, Fazer, Jogar*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência da criança*. Editora Crítica: São Paulo, 1986.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. 16 Ed. Rio de Janeiro, Record, 2008.
- SMOLE, K. S., DINIZ, M. I. & CÂNDIDO, P. *Jogos de matemática de 1º a 5º ano*. Porto Alegre: Artmed, 2007. (Série Cadernos do Mathema-Ensino Fundamental)
- SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- TEBEROSKY, A.; TOLCHINSKY, L. *Além da Alfabetização*. São Paulo: Ática, 1996.
- TFOUNI, L. V. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 6. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.